

**IGREJA**  
**DO SALVADOR**  
**DE FERVENÇA**  
CELORICO DE BASTO

**IGREJA**

**DO SALVADOR  
DE FERVENÇA**

CELORICO DE BASTO



Planta.

## SUMÁRIO HISTÓRICO

Situada ao longo do vale do ribeiro de Esporão, a paróquia de Fervença era, nos reinados de Afonso II (r. 1211-1223) e Afonso III (r. 1248-1279), um território marcado pela instabilidade e pelo conflito. Fosse este conflito espoletado por questões intra e inter linhagísticas, derivasse de causas entre indivíduos e instituições, qualquer que fosse a razão para demandar ou exercer violência, quase sempre a posse de bens ou a busca pelo poder e prestígio marcaram um período que, até pelas circunstâncias políticas, demográficas e económicas, favorecia as contendas. No centro do litígio que opôs, no século XIII, certo clérigo e Gil Vasques, rico-homem de Fervença, estava a posse da Igreja que o primeiro requeria, talvez por se considerar familiar da mesma. Tendo o segundo recusado largar o domínio sem o pagamento de certos foros, “o clérigo demandou a igreja e destruiu-a”<sup>1</sup>. A estratégia do sacerdote, que poderíamos pensar pouco condicente com o seu ofício e estatuto, inseria-se numa política de mantimento e aquisição de património, só possível num Estado em construção, de que as primeiras inquirições foram um dos mais importantes instrumentos. A mão régia pôde, através delas tomar medidas severas contra situações, em alguns casos caóticas, que a coberto do isolamento ou dos fortes vínculos familiares, grassavam no novo reino.

233



Vista aérea.

<sup>1</sup> A tradução é de Eduardo Teixeira Lopes (2008: 173), cuja edição utilizamos nas citações posteriores.

As *Inquirições de 1220* de Afonso II falam de uma Igreja cujo padroado, embora incerto, não pertencia ao rei. À parte alguns campos reguengos, casais, leiras e foros, o mais era de senhores locais ou da região (Lopes, 2008: 173). Em 1258, fora a situação já descrita que opusera um herdador a um cavaleiro local sobre a posse do padroado e direitos associados da Igreja (que resultou a favor do primeiro), os casais indicados em Fervença estavam sujeitos a vários senhorios, entre eles os mosteiros de Arnoia (Celorico de Basto), de Refojos (Cabeceiras de Basto) e de Telões (Amarante), um certo “cavaleiro de Maravilhas” e a igreja de Borba de Godim (Felgueiras). Os inquiridores recolhem igualmente o nome de vários proprietários locais, assim como o conjunto de bens afetos à Igreja de Fervença, património de extensão considerável que poderia justificar as referidas contendas, não obstante esta instituição pagar, em 1320, uma modesta quantia de 80 libras para auxílio das Cruzadas (Lopes, 2008: 173). Neste ano já é referida como anexa do mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde (Almeida e Peres, 1971: 107).

A doação do padroado e respetivos benefícios de Fervença às clarissas de Vila do Conde pode explicar-se pela necessidade de auxiliar as obras do mosteiro, então em construção, como refere o padre António Carvalho da Costa, em 1706: “foy [a Igreja de Fervença] do Padroado Real, & o deu El Rey Dom Diniz a seu filho bastardo Dom Affonso Sanches, senhor de Albuquerque, aos tres de Mayo de 30, o qual no de 1318 o dotou ao Mosteiro de Freiras de Villa de Conde, que então edificava” (Costa, 1706-1712: 147)<sup>2</sup>. Certo é que a Igreja permanecerá na esfera do domínio das monjas até finais do século XVIII, quando as religiosas apresentavam o reitor e recolhiam os frutos e a renda que orçava pelos 200 mil réis (Niza, 1767: 238).

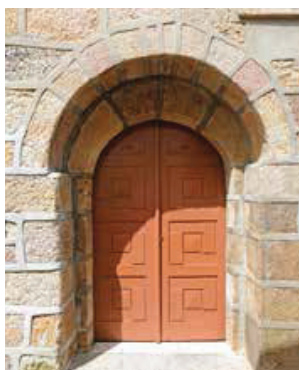
234



Fachadas oriental e norte.

<sup>2</sup> Poucos anos depois da publicação desta obra, Francisco Craesbeeck (1992: 358) pouco acrescenta à *Corografia portuguesa*... Inventaria, apenas, as quatro sepulturas disseminadas pela capela maior e corpo da Igreja.

## O MONUMENTO ENTRE ÉPOCAS



Fachada sul. Nave. Portal.

Consagrada ao Salvador, da época românica a paroquial de Fervença apenas conserva hoje a cabeceira. A julgar pelo remanescente da medievalidade, podemos asseverar que a fábrica românica primitiva ostentaria uma qualidade plástica fora do comum para a região em que se insere. Dos dados fornecidos por Francisco Craesbeeck, particularmente voltados para a leitura epigráfica de sepulturas, podemos aferir que a nave tinha pelo menos uma “porta traveça” (Craesbeeck, 1992: 358). Será que esta se encontrava no mesmo local daquela que hoje se rasga no muro sul da nave (por sinal de volta perfeita), podendo ter havido um aproveitamento da fábrica românica aquando da remodelação realizada na nave nos anos setenta do século XX (Sampaio, 2005: 117)? Tanto o revestimento a estuque do interior da nave, como o avivamento das juntas dos silhares no exterior, feito com cimento, não nos permite ir mais além desta suposição. Note-se que também os paramentos exteriores da cabeceira românica foram alvo deste mesmo avivamento das juntas, certamente com o intuito de conferir uma pretensa unidade ao exterior do edifício, já que a não possui no interior. O estreitamento da nave na área mais próxima do arco triunfal e a presença de granito no intradorso dos vãos retangulares poderão indicar que, pelo menos nesta parte do templo, se aproveitou uma estrutura anterior. Uma análise do paramento exterior do lado norte da nave mostra-nos a presença de silhares de diferente talhe, cuja transição parece ser denunciada por uma cicatriz que se forma junto ao grande janelão retangular (quicá fruto da remodelação da Igreja feita no século XVIII (Gonçalves, 2007) e cuja estrutura é idêntica aos dois janelões que foram rasgados na parede do lado da Epístola da capela-mor).

235



Vista geral do interior a partir da nave.

E no que concerne aos dados coligidos em 1758, além de confirmarem que esta Igreja tinha apenas uma nave, aludem sobretudo aos “altares” que nela existiam à data e que seriam quatro: “três altares em que se celebra e hum das Almas em que senão diz missa. Os mais hum hé do orago, outro de Nossa Senhora do Rozario, outro de Santo Antonio” (Pereira, 1758 *apud* Lopes, 2005: 166). São poucos, pois, os dados que temos relativamente à nave românica de Fervença e às posteriores adaptações que recebeu ao longo da sua história.

Na atual nave impera uma linguagem contemporânea que, na fachada principal, embora recorrendo ao granito, dá uma particular preponderância aos vãos de iluminação. No interior destaca-se o uso de painéis de azulejos enquanto elemento decorativo: nas paredes da nave um alto rodapé policromo, composto por motivos geométricos que seguem, na contemporaneidade, o esquema das composições tipo “tapete” seiscentistas; sobre o arco triunfal uma grande composição figurativa, em azul-cobalto, alusiva ao orago, aqui retratado no momento da *Transfiguração* e, por fim, junto da pia batismal, um painel policromo que retrata a cena em que o Senhor é batizado por seu primo João, nas margens do rio Jordão.



Fachada sul. Mísula.



Fachada ocidental.



Nave. Paredes laterais. Azulejos do rodapé.

Com esta nave contrasta de forma significativa a cabeceira românica, retangular e composta por dois tramos. Conforme denunciam os contrafortes exteriores, de cada um dos seus lados, a capela-mor foi dotada de abóbada de berço, já quebrada. Tal como acontece em São Pedro de Ferreira (Paços de Ferreira), após o primeiro tramo existe aqui um ressalto com caneluras e que corresponde a um acentuado desnível no pavimento. Também os capitéis do arco triunfal, compostos por motivos vegetalistas e fitomórficos, se aproximam dos seus congéneres de Ferrei-



Arco triunfal. Topo da parede. Paineis de azulejos. *Transfiguração de Cristo*.

ra. Carlos Alberto Ferreira de Almeida (1978: 218) viu neles uma influência da escola românica que se desenvolveu na margem esquerda do rio Minho e que encontra a sua origem no estaleiro da sé de Tui (Espanha)<sup>3</sup>. O caráter túrgido da sua escultura volumosa assim o indica.

237

Confirmando a confluência de influxos diversos que têm caracterizado a arquitetura românica erguida ao largo da bacia do Tâmega, também aqui se identificam claros elementos cuja origem é encontrada no românico edificado na região a que temos vindo a designar como do eixo Braga-Rates (Botelho, 2010: 432 e ss). Trata-se do motivo das chamadas palmetas bracarense que, colocado ao nível das impostas do arco triunfal, se prolonga quer pela parede testeira da nave, como também ao modo de friso pelo interior da abside. Também da mesma proveniência são os motivos relevados que ornaram a arquivolta, quebrada, que envolve o arco triunfal: no interior, motivos lanceolados, e, no exterior, um conjunto de três toros pontuados por ovas incisadas.

Além dos contrafortes que já referimos e do tratamento contemporâneo dado às juntas dos silhares que, apesar das diferentes dimensões, formam fiadas bastante regulares, a parede fundeira da abside apenas nos mostra, exteriormente, uma estreita fresta, bem ao gosto românico. Nos alçados laterais, as cornijas são sustentadas por cachorros esculpidos, cuja decoração tem uma acentuada tónica geométrica, e entre os quais destacamos um pipo, o motivo dos rolos ou uma composição feita com volutas.

Tendo em conta os motivos ornamentais desta cabeceira e a afirmada quebra da sua abóbada, tem-se vindo a colocar a sua cronologia no segundo quartel do século XIII (Almeida, 1986: 102).

Da época românica devem ainda ser referidas as cruces terminais das empenas da parede fundeira da abside e da fachada principal. Esta, mais simples que a outra, é patada. A da abside é mais elaborada. Vazada, conjuga a cruz patada com motivos circulares. No exterior, junto da entrada da Igreja, a pia batismal românica, cuja taça tem um desenho poligonal.



Adro. Pia batismal.

<sup>3</sup> Para um maior desenvolvimento deste assunto veja-se Rosas (1987).

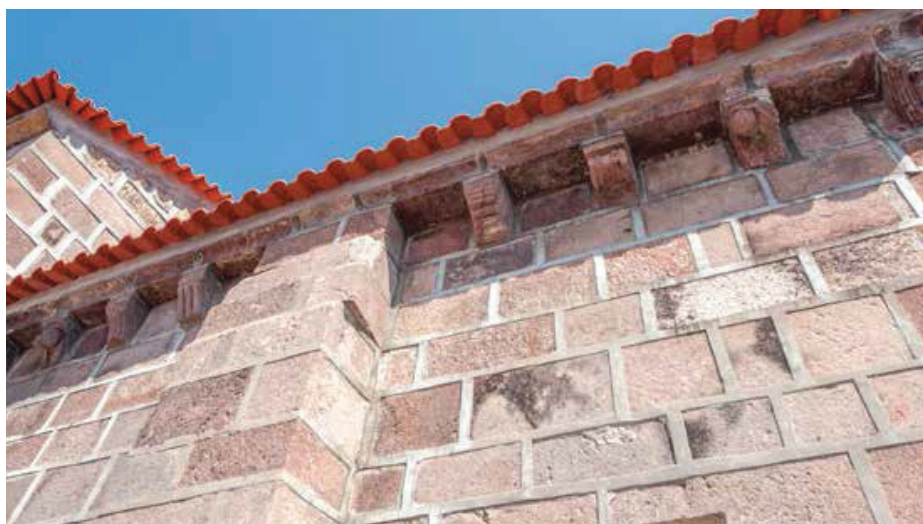




Capela-mor.

No lado norte, adossada à fachada principal, a torre sineira, cujo último registo resulta seguramente da intervenção novecentista, tendo em conta o betão armado do seu coroamento. Já os dois inferiores, formados por aparelho granítico irregular, poderão ser coevos da campanha que rasgou os janelões na nave, algures no século XVIII, tendo em conta as molduras classicizantes que rematam as pilastras dos seus cunhais.

Em 2010, esta Igreja paroquial de Fervença passou a integrar a Rota do Românico. [MLB / NR]



Fachada sul. Capela-mor. Cachorros.



## CRONOLOGIA

1220: o abade Mendo Dias e outras testemunhas afirmaram perante os inquiridores que a Igreja de Fervença não era do padroado régio;

1258: Fernando Pais testemunhou perante os inquiridores régios que sabia de certas irregularidades sobre a posse da Igreja;

1320: o catálogo das igrejas taxadas para auxiliar na Cruzada refere Fervença como do padroado de Santa Clara de Vila do Conde, tendo contribuído com 80 libras;

Século XVI: é referida como "Sam Sallvador dAbadesa de Fervença", com 70 moradores;

1706: é referida como vigararia que rendia 120 mil réis;

1758: a paróquia de Fervença tinha 338 fogos e 995 pessoas;

1970: reconstrução da nave da Igreja;

2010: a Igreja de Fervença passa a integrar a Rota do Românico.

## BIBLIOGRAFIA E FONTES

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de – *Arquitectura românica de Entre Douro e Minho*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1978. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

\_\_\_\_\_ – *História da arte em Portugal: o românico*. Lisboa: Publicações Alfa, 1986.

ALMEIDA, Fortunato; PERES, Damião, dir. – *História da Igreja em Portugal*. Porto: Livaria Civilização, 1971.

BOTELHO, Maria Leonor – *A historiografia da arquitectura da época românica em Portugal*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010. Dissertação de doutoramento em história da arte portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Texto policopiado.

COSTA, A. Carvalho da – *Corografia portugueza e descripçam topografica do famoso reyno de Portugal...* Lisboa: Off. de Valentim da Costa Deslandes, 1706-1712.

CRAESBEECK, Francisco Xavier da Serra – *Memórias ressuscitadas da província de Entre-Douro-e-Minho no ano de 1726*. Ponte de Lima: Carvalhos de Basto, 1992.

GONÇALVES, Joaquim – *Igreja paroquial de Fervença/Igreja de São Salvador* PTO10305100163 [Em linha]. Lisboa: IRHU, 2007. [Consult. 26 de maio de 2012]. Disponível em [www: <URL: http://www.monumentos.pt>](http://www.monumentos.pt).

LOPES, Eduardo Teixeira – *A terra de Celorico de Basto na Idade Média: inquirições régias*. [S.l.: edição de autor], 2008.

\_\_\_\_\_ – *O século XVIII nas freguesias do concelho de Celorico de Basto: memórias paroquiais*. Celorico de Basto: [edição do autor], 2005.

NIZA, Paulo Dias de – *Portugal sacro-profano...* Lisboa: na Officina de Miguel Manescal da Costa, 1767.

ROSAS, Lúcia Maria Cardoso – *A escultura românica das igrejas da margem esquerda do rio Minho*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1987.

SAMPAIO, Jorge D., coord. – *Carta arqueológica do concelho de Celorico de Basto: inventário: volume I*. Celorico de Basto: Câmara Municipal de Celorico de Basto, 2005.